

Prática Exploratória do Leme à Barra da Tijuca: os porquês de um aluno multiplicador

Walewska Gomes Braga

E. M. Santo Tomás de Aquino

Solange Fish Costa Braga

E. M. Albert Einstein

Resumo: Duas professoras de inglês do Município do Rio de Janeiro e membros do grupo de Prática Exploratória se surpreendem ao constatar que uma foi e a outra é a atual professora de T., um dos alunos de ensino fundamental com ativa participação em reuniões e eventos de Prática Exploratória.

Palavras-chave: escola municipal, trabalho de investigação, questão, coincidência.

Solange Fish e eu, Walewska Braga, somos amigas, e temos muitas coisas em comum: ensinamos inglês em escolas da rede pública, da rede particular e fazemos parte do grupo de Prática Exploratória (PE) do Rio de Janeiro. Nossas afinidades vêm de muito tempo atrás quando compartilhávamos a crença em que a solução para os nossos problemas de sala de aula acabaria surgindo nos seminários, congressos e demais eventos de ensino de inglês que freqüentávamos. Nossa busca por atualização e nossa procura por receitas para nossas salas de aula nos reuniram, mais uma vez, em 1997, quando nos encontramos na sessão final de Prática Exploratória. Fomos seduzidas pela apresentação dos pôsteres em que professores apresentavam os entendimentos de questões (suas e de seus alunos) da sala de aula. Passamos a fazer parte do grupo de PE desde então e temos visitado escolas, cursos, universidades no Brasil e no mundo, partilhando nossa vivência de trabalhar com nossos alunos para entender a vida na sala de aula.

Atualmente trabalho em uma escola municipal do Leme, 2ª CRE e Solange na Barra da Tijuca, 7a CRE. Como multiplicadoras de PE nossos encontros são freqüentes. E quase sempre nos reservam alguma surpresa. Às vezes encontramos colegas de escola, outras vezes temos o prazer de encontrar ex-alunos que se tornaram professores. E, mais recentemente descobrimos um aluno comum: T., um ex-aluno meu, agora é aluno da Solange.

Neste relato a quatro mãos contamos um pouco da estória recente da PE, como essa estória vem sendo escrita por todas as pessoas que vêm, nesses últimos anos, se envolvendo e participando democraticamente dos encontros e eventos realizados. Alunos e professores juntos se tornam mais e mais responsáveis pela continuidade da PE.

OS PORQUÊS DO T. (2003 e 2004): PROFESSORA WALEWSKA.

O envolvimento de T. com a Prática Exploratória começou em 2003, quando, logo nas primeiras semanas de aula, a repetição da pergunta “Por que a gente tem poucas aulas de inglês?” por diversos alunos da turma 603 me indicou que essa era uma questão da turma que valeria a pena investigar e entender. Dois alunos se interessaram particularmente: T. e I.

Os dois iniciaram um trabalho de investigação usando entrevistas com os colegas de turma, professores, com a coordenadora e com a diretora adjunta. I. abandonou a escola e T. seguiu em frente refletindo sobre os dados colhidos na escola e nas atividades pedagógicas da aula de inglês até chegar aos seus entendimentos. Em junho ele apresentou o pôster, feito por ele, no 5º Evento, Alunos e Professores juntos na Prática Exploratória: A Construção do Sonho, na PUC-RJ. Seu desembaraço, postura, presença, maturidade, e sua autonomia cativaram e surpreenderam seus colegas de escola, sua professora de inglês, os debatedores professora Dra. Antonieta Celani (PUC-SP) e professor Dr. Luis Paulo da Moita Lopes (UFRJ) e demais participantes.

Em 2004 T. já tinha uma questão sua para investigar. Incomodado com as notas baixas da turma ele queria entender “Por que é tão difícil aprender matemática na 702?”. Encontrou uma parceira, A. R., entrevistou seus colegas e os professores de matemática, refletiu com os colegas de turma e comigo. Apresentou seu pôster no 6º evento de PE, Alunos e Professores Unidos Buscando Entender a Vida na Sala de Aula. Participou da oficina de teatro apresentada pela Solange e seus alunos da Escola Albert Einstein. Mais tarde participou dos encontros de PE na PUC-Rio, dando depoimentos, falando da sua vida e da vida na sala de aula.

Nesses dois anos fui sua professora de inglês, sua companheira de reflexão, dei palpites na execução dos seus pôsteres, ouvi suas apresentações em primeira mão, senti uma pontinha de orgulho ao ver sua autonomia nos eventos e encontros de PE. T. se destacava na escola por gostar de ler (qualquer coisa, segundo ele). Passou por períodos de desinteresse, muito cansaço, faltas às aulas, dificuldades comuns a um jovem que

precisa estudar e trabalhar. Mudou-se para Jacarepaguá, mas continuou na escola, enfrentando todos os dias uma viagem de muitas horas.

No final do ano passado ele me disse que mudaria de escola, iria para uma perto de casa. Senti pena de me separar dele: já contava com a sua participação no evento de 2005. Imaginei um meio de tê-lo por perto: sugeri que ele fosse para a escola onde a Solange trabalhava e onde nosso grupo já havia apresentado uma oficina de PE. Mas ele morava em Jacarepaguá e a escola fica na Barra da Tijuca. As chances de, além de conseguir uma vaga, ele ser aluno da Solange eram mínimas. Mas, de certa forma, eu continuaria em contato com ele.

A SURPRESA DE T. EM 2005: PROFESSORA SOLANGE

Encontrei T. em 2005 na turma 803. No primeiro dia de aula pedi que meus ex-alunos fizessem a minha apresentação como professora para os novos. Fui apresentada como a professora que gosta de teatro, que gosta de Shakespeare e que gosta de PE. Essa última observação me surpreendeu bastante e foi aí que notei a presença de T. entre os alunos da turma. Já o conhecia como aluno da Walewska dos encontros e eventos de PE na PUC. Fiquei feliz com a coincidência de encontrá-lo na Barra da Tijuca. Naquele momento me ocorreu pedir que ele falasse para a turma sobre a sua experiência na PE.

Muito naturalmente ele explicou que a PE era “um trabalho feito por alunos e professores para explicar uma questão que aparece na sala de aula.” Talvez querendo tornar a explicação mais clara para seus colegas, ele usou como exemplo a investigação de uma questão sua: “Por que é tão difícil aprender matemática?”

Mais tarde, na hora do recreio, outra coincidência aconteceu quando o professor de matemática da 803, fazendo um comentário sobre a turma em geral e destacando alguns alunos, citou nominalmente o T. como um aluno de ótima participação.

A terceira coincidência foi o fato de nesse mesmo dia eu ter um encontro com o grupo de PE. Mal me contive para contar essa série de coincidências.

NOSSOS ENTENDIMENTOS

Ao refletirmos sobre o que aconteceu, nossas surpresas se transformaram em mais uma prova da importância da PE, seu crescimento, sua maturidade. Nos últimos anos nosso grupo de multiplicadoras tem levado, com entusiasmo, a vivência de PE em nossas salas de aulas às escolas, cursos e universidades no Brasil e em outros países.

Estivemos tão ocupadas que mal percebemos como a PE tem se firmado e quebrado paradigmas ao dar democraticamente voz a alunos e professores, do ensino fundamental ao doutorado, com suas questões e entendimentos. Falamos da importância do envolvimento professor-aluno, juntos, no trabalho de entender suas questões, no crescimento (mútuo) que daí decorre, na confiança, e no que traduzimos por colegialidade (collegiality).

T. escolheu uma escola da Barra da Tijuca, que fica distante da sua residência, em Jacarepaguá, porque “a professora Walewska indicou”. E também porque ele quer continuar com seu trabalho de reflexão, onde suas questões são valorizadas, onde sua autonomia é estimulada. Nas nossas reuniões de PE, T. contribuía com os depoimentos de seus momentos de reflexão. Sem dúvida alguma muito aprendemos com ele e seus colegas, que carinhosamente chamamos de alunos exploratórios. T. realizou conosco o sonho de termos alunos e professores juntos na PE.

Falamos que a PE é uma iniciativa contínua e indefinidamente sustentável. T. é um multiplicador de PE. E sua estória, nossa estória, ilustra que todo esse trabalho de reflexão de questões priorizado pela PE vem se espalhando pelas escolas municipais do Rio de Janeiro onde cada vez mais alunos e professores, juntos, trabalham para entender e alcançar uma melhor qualidade de vida.

Sem dúvida, muito mais que coincidências!

AS AUTORAS

Solange Fish da Costa Braga é professora de inglês da rede particular, Colégio Santa Teresa de Jesus, e da rede municipal, Escola Municipal Albert Einstein. Participa do Grupo de Prática Exploratória, no Rio de Janeiro, desde 1998.

E-mail: solangefish@gmail.com

Walewska Braga faz parte do Grupo de Prática Exploratória do Rio de Janeiro e é professora de inglês do Município do Rio de Janeiro. Aposentou-se da rede particular em 2001.

E-mail: walewskabraga@globo.com